

Artigo Original

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA CLÁSSICA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

THE IMPORTANCE OF CLASSIC LITERATURE IN THE EDUCATION OF PSYCHOLOGIST

Jéssica Samantha Lira Da Costa¹

INFORMAÇÃO DO
ARTIGO

Histórico do artigo:

Recebido em 15

Fevereiro 25

Revisado em 03

Junho 26

Aceito em

21 Setembro 26

Palavras-chave:

(3-5 palavras)

Literatura clássica;

Formação do

psicólogo;

Psicologia.

Keywords: (3-5 words)

Classic Literature;

Psychologist's

graduation;

Psychology.

RESUMO

O presente artigo é uma apresentação de ideias, informações e referências científicas que demonstram de que forma a literatura clássica é uma grande aliada na formação de profissionais da psicologia. O objetivo da pesquisa é analisar os impactos de uma formação consolidada versada nas literaturas clássicas e como a mesma impacta na tecnicidade de psicólogos. Para isso, buscamos em um amplo arsenal científico, composto de inúmeros artigos e livros, que abordam de que forma o caminho da literatura pode construir um imaginário mais robusto nos seres humanos e, por consequência, ajudar na atuação do psicólogo, independente da área que esse profissional atuará. Os resultados da pesquisa demonstram que quanto mais arcabouço literário o profissional da psicologia se apropriar, maiores as chances de apresentar melhor desempenho técnico-científico.

ABSTRACT

This article presents ideas, information and scientific references that demonstrate how classical literature serves as a valuable ally in the education of psychology professionals. This research aims to analyze the impact of a solid academic foundation rooted in classical literature and how it influences the technical expertise of psychologists. To achieve this, we drew from a vast scientific repertoire, including numerous articles and books, that explore how literature can shape a more profound and structured imagination in individuals, ultimately enhancing psychologists' professional practice, regardless of their field of expertise. The research findings indicate that the broader a psychologist's literary background, the greater their chances of achieving higher technical and scientific performance.

Introdução

A literatura é a maneira como a alma humana pode ser descrita, explorada e minuciosamente detalhada através de palavras. Ela é uma forma de contar histórias, relatar sensações, narrar experiências. A Psicologia é a ciência que estuda a alma humana, os comportamentos e expressões sentimentais dos seres humanos. Assim, quando ambas se entrelaçam, há um ganho inestimável e mútuo. Ao longo da história, temos diversos exemplos

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA), Doutora em Psicanálise teoria e clínica, jessica.s.lira@hotmail.com.



de grandes teóricos da psicologia (que construíram o saber psicológico) que se ampararam no saber incontestável da literatura para substanciar suas teorias. Se fizermos o exercício de observar as “dicas” literárias de todos esses grandes pensadores, percebemos que seu repertório literário era vasto, o que nos leva a concluir que não podemos subestimar o poder da literatura na formação pessoal e intelectual de um grande pensador.

Se desejarmos um exemplo, talvez o mais representativo dessa relação seja o do criador da Psicanálise: Sigmund Freud. No seu texto “O inquietante”, de 1919, Freud estabeleceu uma relação entre a literatura e a psicanálise, empreendendo uma interpretação psicanalítica de uma obra de E.T.A. Hoffmann, intitulada “O homem de areia”. Freud recorreu à literatura para dar vazão aos seus construtos teóricos. Todavia, essa não foi, nem de longe, a primeira vez que assim procedeu. Afinal, se existe uma arte que merece todas as nossas reverências por auxiliar a construção da psicanálise, essa certamente seria (e é) a literatura. Não à toa, o presente artigo é mais um dos diversos trabalhos psicanalíticos que dedica a merecida vênua à relação entre literatura e psicanálise (Costa, 2022).

Começar a abordar o entrelaçamento entre psicanálise e literatura, porém, não é tarefa irrisória, tanto porque há inúmeros trabalhos que se detêm a esta empreitada quanto porque, ao fazê-lo, adentramos nos meandros que deram forma à construção da teoria psicanalítica tal qual proposta por Freud. O que pretendo dizer com isto? Que a relação da psicanálise com a literatura é mais antiga que a própria criação da psicanálise: ela remonta à infância do pequeno Freud e toda a sua devoção para com as grandes obras literárias. Afinal, não são todos os sujeitos que almejam aprender uma língua estrangeira só para poder ler seu romance preferido no original, não é mesmo?

A reverência de Freud em especial aos literários não surge de maneira aleatória. Ele tinha plena noção de que os poetas detinham uma espécie de superioridade ao lidar com as *coisas da alma*. Lembro-me aqui de Benedito Nunes, que, baseado na premissa wittgensteiniana, proclamou certa vez que: “quando a filosofia e as ciências se calam, é sempre a poesia que diz a última palavra” (Nunes, 2009, p. 41). Freud ([1933]1996) já havia notado isto há tempos, quando também sentenciou que os poetas sabiam mais sobre o ser humano que qualquer outro sujeito.

É interessante pontuar que o zelo de Freud por questões artísticas e estéticas era tão grande que o único prêmio que ganhou em vida foi o prêmio Goethe, prêmio este que lhe deixou muito grato, sobretudo por ser dedicado àqueles que realizaram grandes feitos na humanidade e que são dignos de honrar a memória de Goethe. Literário por quem Freud detinha grande estima e reverência. Ademais, Freud o recebeu como reconhecimento do conjunto de sua obra. Todavia, sua escrita peculiar não deixou de ser levada em consideração. Freud, por vezes, não escrevia somente como um cientista, mas sim como um verdadeiro poeta. Como bem escreveu o Dr. Alfons Paquet a Freud em 1930:

Com um rigoroso método científico e, ao mesmo tempo, com a ousada interpretação das metáforas cunhadas pelos poetas, sua pesquisa abriu uma passagem para as forças pulsionais da alma e, por meio dela, criou a possibilidade de compreender o surgimento e a construção, em suas raízes, de muitas formas culturais e [também] de curar doenças, cuja chave a arte médica até agora não possuía (Freud, [1930]1996, p. 307)

Em uma das diversas cartas trocadas com seu grande amigo e interlocutor Fliess, Freud ([1897]2015) descreve que estava extasiado por notar que o mecanismo da criação poética é, em certa medida, parecido com o mecanismo das fantasias histéricas. Para tal afirmação, Freud utiliza o exemplo de Goethe e de uma de suas obras mais conhecidas: *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. O que Freud nota é que, ao escrevê-la, Goethe estava na verdade salvando a si mesmo por meio de sua criação literária.

Se com as fantasias é possível que o sujeito formule uma defesa do eu para que assim consiga, em certa escala, refrear os seus próprios desejos, com a criação literária o escritor consegue também dar uma saída outra para aquele desejo avassalador que lhe assola. É neste sentido que, tal como afirma Freud ([1897]2015), o sujeito tem a possibilidade de, por meio da fantasia, se proteger contra as consequências de sua vivência. Goethe mata seu personagem Werther para que assim conseguisse elaborar de maneira outra o seu próprio amor não correspondido.

Assim como declarou, em *O Interesse Científico da Psicanálise do Ponto de Vista da Ciência Estética*, que no: “...exercício de uma arte vê-se mais uma vez uma atividade destinada a apaziguar desejos não gratificados – em primeiro lugar do próprio artista e, subsequentemente, de sua assistência de espectadores” (FREUD, [1913]1996 p.188). É por



isso que não seria errôneo afirmar que o objetivo principal e, de certo modo, primário do artista, é o de se libertar. E, por meio da realização de sua obra de arte, fazer com que ela chegue a diversas pessoas que também sofram das mesmas questões e que estas pessoas também possam ter uma espécie de libertação. Outra maneira de olhar para isto é por meio do que nos diz Kofman (1996, p. 20):

(...) a obra de arte é uma das produções do que há de recalcado no artista e, como tal, é simbólica e sintomática. (...) o efeito que a obra de arte produz sobre os outros homens: o que é recalcado pelo artista e que se lê em sua obra produz um forte e enigmático efeito afetivo.

Ademais, é em um texto anterior que Freud ([1908]2015) nos deixa ricas contribuições sobre os escritores e suas criações literárias. O texto em questão se chama *O Poeta e o Fantasiar*. Todavia, antes de adentrar no texto propriamente dito, trago uma discussão que nos auxilia para a própria compreensão do texto freudiano supracitado. Trata-se da conceituação de *Dichter* e *Dichtung*. Assim, o termo *Dichtung* remete ao ato de criar, mas não a qualquer criação, e sim à criação artística – mais especificamente, à criação poética de maneira abrangente, e não somente este ou aquele gênero literário. Em muitos casos, a *Dichtung* também pode ser utilizada para se referir à poesia propriamente dita assim

(...) a *Dichtung* é um campo privilegiado para o estudo das engrenagens tão penosamente perceptíveis, tão secretas, que ligam o fantasiar o criador a sua produção poética. (...) A *Dichtung* parece designar um processo de elaboração psíquica que consiste em transformar as imagens sensoriais, os sentimentos e afecções da alma humana em figuras de linguagem, um dizer poético que preserva em si mesmo o frescor das experiências primitivas e originárias. A *Dichtung* mantém um contato íntimo com as “fantasias do desejo” de cada indivíduo (Mango; Pontalis, 2013, p. 18)

Interessante perceber como o entendimento da palavra alemã nos possibilita melhor compreender ao que Freud se referia quando abordava as possíveis saídas que a arte poética proporcionava ao *escritor criativo*. Melhor ainda, ao *Dichter*. E, por falar em *Dichter*, temos aqui um entendimento peculiar e extremamente rico, já que *Dichter* refere-se ao criador literário em geral, podendo também se referir a alguns tipos de figuras específicas como: “romancista”, “contista”, “moralista” e, obviamente, “poeta” (Mango; Pontalis, 2013).

Com isso, talvez seja imperioso pontuar que o que diferencia um *Dichter* de um mero escritor de histórias é que o *Dichter* – tal como Freud ([1908]2015) o pensou e contextualizou é uma “singular personalidade capaz de nos perturbar intensamente com a sua obra, o criador literário, o grande escritor” (Mango; Pontalis, 2013, p. 13).

Uma vez feitas as devidas e necessárias apresentações teórico-conceituais, passemos agora ao texto freudiano propriamente dito. Assim, já no início de *O Poeta e o Fantasiar* temos Freud ([1908]2015) afirmando que o *Dichter* (Poeta) é uma extraordinária personalidade, assim como é sempre muito atraente que tentemos (nós – os leigos) saber e compreender de onde vêm sua(s) inspiração(ões). Mas por que seria tão importante para nós descobrirmos de onde vem a inspiração de um *Dichter*? Talvez seja porque, se descobríssemos, poderíamos também descobrir de que maneira determinadas emoções são despertadas em nós. Logo, o interesse parte de uma premissa nossa, já que fomos afetados por algum motivo peculiar e que não fazemos ideia de qual seja.

É assim que Freud ([1908]2015) começa a realizar aproximações entre a arte poética e o brincar das crianças. Freud percebe que, assim como a criança, o poeta também cria um mundo próprio, um mundo que lhe possibilita ser *um outro*, outro este que na realidade externa deve ser mantido –na maioria das vezes –em silêncio. Freud nos diz: “o poeta faz algo semelhante à criança; ele cria um mundo de fantasia que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade” (Freud, [1908]2015, p. 54)⁶.

Ainda no que se refere à relação entre o ato de brincar da criança e o fantasiar dos poetas (ou vice-versa), Freud ([1908]2015) define o ato de produzir dos poetas como uma espécie de substituição, de satisfação substituta. De maneira que é como se quase nunca abrissemos mão de nossas satisfações, apenas as trocamos por algo que possa ser viável ao momento em que vivemos. Por exemplo: se quando criança “trocávamos” as interdições que nos eram impostas por uma brincadeira de casinha de bonecas, onde, ao menos ali –naquele *faz de conta* –tínhamos a possibilidade de casar com o príncipe encantado (ou seja, com o papai), quando adultos temos a possibilidade de fantasiar demasiadamente e também, mesmo que não partamos para o ato de nossos desejos mais íntimos, ainda assim conseguirmos alguma espécie de satisfação. Como bem diz Freud ([1908]2015, p. 54):



(...) a partir da irrealidade do mundo poético, se seguem importantes consequências para a técnica artística, pois muitas coisas que não poderiam causar gozo como reais podem fazê-lo no jogo da fantasia e muitas moções que em si são desagradáveis podem se tornar para o ouvinte ou espectador do poeta fonte de prazer.

É certo que nesse texto Freud ([1908]2015) faz questão de tentar compreender a atividade do *Dichter* não apenas por um único ponto de vista. Ele aborda a criação literária como uma forma substituta de satisfações, assim como faz relação com o ato de brincar da criança. Temos também mais uma similaridade que o ato do criador literário nos impõe: trata-se da similaridade do ato de fantasiar dos poetas com os sonhos diurnos, já que, assim como nos sonhos não há normas e regras pré-estabelecidas, o imperativo que predomina é certamente o do inconsciente.

Retomando a relação dos sonhos com o conteúdo da criação literária (*Dichtung*), em última instância não seria errôneo afirmar de que tanto a criação literária quanto os nossos sonhos nada mais são que continuações e substituições. Mas são continuações e substituições de nossas brincadeiras infantis. Logo, há um entrelaçamento muito maior a este respeito do que jamais poderíamos imaginar (Freud, [1908]2015).

É por isso que, assim como brincávamos – em muitos momentos – com aquilo que fora proibido e interditado e que era fonte constante de angústia, também sonhamos e transpomos para a folha de papel o que não damos conta ou não queremos lidar na realidade externa. É por isso que na história criada eu tenho a possibilidade de ser a heroína ou o herói que jamais conseguiria ser na minha realidade externa. A realidade externa é sempre insuportável. Por isso sempre procuramos refúgios outros, seja na arte ou em quaisquer outros lenitivos. Freud ([1930]2012) fez questão de demonstrar que é impossível que o sujeito viva, seja em qual sociedade for, sem algum tipo de lenitivo.

É nesse sentido que Freud ([1908]2015) faz questão de finalizar seu texto mostrando que muito do que nos prende em determinadas obras é o fato de que nelas há a libertação do *Dichter* (Poeta) e que, conseqüentemente, também seria a libertação das nossas próprias tensões. Como aponta Freitas (2009, p. 16): “(...) identificados aos personagens, não só participam fantasiosamente das cenas, como podem modificá-las imaginariamente e com a certeza da ausência de crítica do outro”.

Após essa breve imersão que demonstrara a importante relação entre a literatura e a formação intelectual do mais importante membro do universo psicológico, a saber, Sigmund Freud, podemos desenvolver a defesa ferrenha que estamos empreendendo neste artigo a respeito da importância do mundo literário na formação do profissional de Psicologia.

O intuito deste trabalho é realizar aproximações teórico-conceituais, realizar um caminho histórico de formação do psicólogo, demonstrar que a formação do psicólogo, especificamente no Brasil, sofreu com grandes modificações, tornando-se, cada vez mais, tecnicista e, por vezes, esquecendo o aspecto multifatorial do psiquismo humano. Notando que, quando se perde a noção ampliada da vida humana, perde-se a capacidade de leitura aprofundada deste sujeito.

Os procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa fora a pesquisa de cunho bibliográfico. A pesquisa de tipo bibliográfico se apresenta como uma etapa fundamental de qualquer trabalho acadêmico e da construção do saber científico, afinal, permite aos pesquisadores fundamentar suas teses, suas ideias e o seu objeto de estudo. Como demonstra Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é composta de materiais já publicados e que são deveras indispensáveis para o embasamento do problema de pesquisa e para a criação de hipóteses.

A pergunta central que orientou esta pesquisa e que fiz com que ela pudesse existir e ter vida foi: a literatura clássica é fundamental na formação do psicólogo? Ou colocado de outra forma: a formação do profissional da psicologia pode ser engrandecida se o profissional acrescentar o interesse pela literatura clássica na sua formação? Será que Freud estava certo e, de fato, os literários sabem mais a respeito da alma humana que qualquer cientista jamais poderia saber? São esses questionamentos que nos rondavam, a ponto de desejarmos colocar em papel nossas inquietações.

A pesquisa que vocês possuem em mãos agora é uma parte de um projeto de iniciação científica que um grupo de professora e alunos estão desenvolvendo. O tema do projeto é o mesmo do artigo, ou seja, entender a importância da literatura clássica na formação do profissional da psicologia. Neste projeto de pesquisa, desenvolvemos algumas atividades interessantes, dentre elas, um projeto de extensão em que mensalmente nos reunimos (discentes do curso de Psicologia da Estácio Belém e os coordenadores do projeto) para discutir uma obra literária clássica por vez. Acompanhamos o desempenho dos participantes e



procuramos entender como aquelas discussões frequentes e mensais estão contribuindo com suas respectivas formações universitárias e intelectuais.

É uma boa forma de constatarmos na prática os efeitos dessa incógnita (ou por vezes afirmação), o projeto ainda está em execução, logo, este primeiro artigo é uma tentativa de explicação e esforço de argumentação a respeito do que já conseguimos constatar na teoria e na prática com a pesquisa. Esperamos que a leitura para vocês, caro leitor deste artigo, seja tão proveitosa quanto a pesquisa vem sendo feito por nós – pesquisadores. O poder da literatura é tão gigantesco que ela transforma até pesquisas acadêmicas, demasiadamente forçadas, penosas e densas, em algo imaginativo, investigativo e acalentador de desenvolver.

1. Desenvolvimento

1.1. Contextos Históricos da Formação do Psicólogo no Brasil

Quando falamos sobre a formação do psicólogo, não podemos iniciar sem antes apresentar um contexto histórico de como essa trajetória se desenvolveu. Por exemplo, ao tomarmos o Brasil como referência, é fundamental considerar que a profissão de psicólogo só foi regulamentada em agosto de 1962, por meio da Lei nº 4.119/62 (Conselho Federal de Psicologia, 2022).

Na mesma direção, temos a Resolução CFP nº 10/2005, que aprova o Código de Ética profissional do psicólogo e que faz com que entendamos a importância de se estabelecer parâmetros da atuação deste profissional, bem como a proteção do público alvo desses profissionais (clientes, pacientes). Afinal, é conhecido o mérito de que tal documento estabelece princípios fundamentais que norteiam a atuação ética dos psicólogos. A observação constante desses princípios é fundamental para garantir qualidade dos serviços prestados e a confiança da sociedade na profissão.

Tendo isso em vista, é imprescindível comentar sobre as ocupações que serviram de subsídio para a regulamentação da Psicologia como profissão, especialmente no Brasil. Destaca-se que, à época, o país vivia o período da chamada Segunda Revolução Industrial,

quando as linhas de produção estavam sendo implantadas tanto no Brasil quanto em outros países, um modelo produtivo conhecido como Fordismo:

(...) O fordismo como técnica de gestão da produção surgiu a partir das ideias de Henry Ford, que, de mecânico a engenheiro-chefe e proprietário de fábrica, adquiriu experiência suficiente para elaborar um método de produção que superasse o modelo artesanal (Tenório, 2011, p. 1153).

Com base nisso, podemos interpretar que, naquele momento, o país passava por uma construção ideológica voltada para a busca do “trabalhador certo para a função certa” dentro das linhas de produção. Para suprir essa demanda, algumas técnicas da Psicologia, como os testes psicológicos, começaram a ser aplicadas. Diante desse contexto, diversas funções foram criadas para atender às novas exigências do mercado. Uma delas foi a das “Psicologistas”, professoras do ensino fundamental e médio que passavam por capacitação técnica com o objetivo de avaliar seus alunos e traçar um perfil psicológico e vocacional de cada estudante (Boarini, 2007).

Podemos inferir, portanto, que a Psicologia, como ciência e profissão, foi ganhando cada vez mais legitimidade e respaldo para se consolidar. Afinal, a demanda por um profissional capaz de ter uma visão técnica do ser humano, enxergando-o como um talento latente a ser desenvolvido, tornava-se cada vez mais presente naquela realidade.

Entretanto, como sabemos pelos registros históricos, a Psicologia nem sempre teve seu regime ético respeitado. Em diversos momentos, a profissão foi utilizada como base teórica para práticas questionáveis. Um exemplo disso ocorreu durante a ditadura militar no Brasil, quando conhecimentos psicológicos foram empregados para torturas psicológicas e outras ações condenáveis (Silva, 2017).

Diante desse cenário, diversos movimentos surgiram para estabelecer uma ética profissional e um código de regulamentação da prática psicológica. Como resultado, foram criados cursos de Psicologia nas universidades, instituiu-se o Sistema de Conselhos de Psicologia e implementaram-se outras medidas voltadas à regulamentação da profissão, que foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 4.119/62.

Desde então, a Psicologia tem avançado constantemente em suas práticas, desenvolvendo novas metodologias de ensino e aprendizagem. Atualmente, a formação



acadêmica na área segue uma metodologia baseada no ensino teórico, na prática clínica e na supervisão de atendimentos. Além disso, muitos professores incentivam seus alunos a buscarem atendimento psicoterapêutico, a fim de lidar com as demandas emocionais que podem surgir ao longo da prática clínica.

Um dos principais expoentes da Psicologia moderna foi Sigmund Freud, neurologista e, posteriormente, psicanalista austríaco, cujo trabalho e teoria se voltaram para a compreensão do inconsciente humano e suas manifestações (Souza, 2024).

Em um de seus textos, Freud ([1912]2006) oferece recomendações para médicos interessados em exercer a psicanálise. Nessa obra, o autor descreve a formação do analista como baseada em um tripé fundamental, composto por análise pessoal, estudo teórico e supervisão clínica.

Dessa forma, podemos perceber que a maioria dos cursos de Psicologia atualmente seguem esse princípio psicanalítico estruturado por Freud em 1912. Sua contribuição teve grande impacto na constituição da profissão e continua influenciando a Psicologia tanto como ciência quanto como prática profissional.

A partir desta breve discussão histórica e contextual a respeito da formação do profissional da psicologia, partiremos para o entendimento do entrelaçamento entre a literatura e a sua relevância para a formação do futuro psicólogo.

1.2. As Modificações na Formação do Profissional da Psicologia No Brasil: Estamos Formando Robôs?

O título deste subtópico de desenvolvimento é uma provocação, todavia, uma provocação acertada e muito bem calcada na realidade dos fatos que pululam cursos de Psicologia à fora. É incontestável o avanço das pautas neurocientíficas e comportamentais no campo da Psicologia. Hoje em dia, se você abre um programa de disciplinas nos cursos de Psicologia do Brasil (fazemos questão de reservar nossas críticas e olhares para a realidade que nos assola e ronda de maneira mais próxima), você se deparará com a enorme quantidade de disciplinas estritamente voltadas às questões neurocientíficas. As disciplinas mais humanas

(no sentido clássico da palavra) quase não encontram mais espaço no concorrido currículo do psicólogo contemporâneo.

Assim, começamos a questionar o que está acontecendo para que uma mudança tão brusca tenha sido realizada na formação desses profissionais. Realizamos uma pesquisa teórico-bibliográfica anos atrás, cujo trabalho transformou-se em um artigo científico publicado na revista *conjecturas*. O título do artigo era: “Habemus Cérebro: a figura do sujeito cerebral nos cursos de Psicologia do Brasil”.

Partimos da construção teórica de dois autores, a saber: Francisco Ortega e Fernando Vidal, com o livro conjunto dos dois que se chama “Somos nosso cérebro?”. A pesquisa dos referidos autores aborda exatamente a nossa inquietação de outrora, ou seja, a neuroascese está dominando todas as áreas, inclusive as áreas humanas e de saúde? Só existimos, enquanto humanos, através de um “superórgão”?

Sujeito cerebral” é a maneira como Francisco Ortega chama um novo tipo de sujeito antropológico que é definido pela forma como suas atividades cerebrais, neurais, biofisiológicas se apresentam. Logo, tudo o que se é, todas as informações ditas subjetivas nada mais são do que a expressão da massa encefálica de cada um de nós – agentes sociais. De modo que poderíamos afirmar que intitular alguém como um sujeito cerebral é atrelar a identidade subjetiva ao cérebro. Em outros termos, a *alma*, o fundamento, o âmago, o psiquismo humano encontra-se no cérebro (Costa, Pinheiro, Vasconcelos, 2021, p. 1).

Lembramos dessa discussão que outrora estabelecemos, por entendermos que ela atravessa a nossa atuação investigação. Afinal, será que pela superelevação da nossa massa encefálica, automatizando a atividade humana a um mero pedaço de objeto fisiológico, não nos esquecemos de alimentar a alma, inclusive com literatura de qualidade? Se esquecemos da alimentação da alma, esquecemos – também – de que forma pode engrandecer-se um homem culto? A saber, de relações, vivência, experiências, culturas e um bom livro e uma bela história clássica.

Fazemos questão de frisar a importância em retomar um aspecto mais analógico da formação de grandes intelectuais, justamente para entender que é lendo Sófocles ou Shakespeare que se chega a uma invenção a respeito das relações humanas em que se indaga se a relação inicial dos filhos com seus pais não os marca tanto a ponto de os últimos reproduzirem essas relações em seus futuros romances apaixonados? E é claro que aqui



fazemos uma analogia com o Édipo de Freud e as histórias de Hamlet e Édipo, de Shakespeare e Sófocles.

Isso tudo para dizer que aprendemos a ler as emoções humanas muito mais em clássicos atemporais (redundância, mas efetiva!) do que entendendo as manifestações dos neurônios, que nos perdoem nossos amigos neurologistas. Afinal, em tempo algum, um manual neurocientífico que pede para que mensuremos nossa escola de tristeza ou alegria, marcando ‘x’ na resposta que mais se adequar do questionário, jamais se equipará com a experiência que é ler um clássico e se identificar com a história, enredo ou personagens e, após isso, conseguir refletir sobre a própria existência. Não há questionário no mundo que se equipare a isso.

Nesses termos, entendemos que é imperioso que continuemos apontando os furos metodológicos que os cursos de psicologia, Brasil à fora, insistem em obter quando preocupam-se com modismos que acentuam a cultura do “super órgão”. Isso vai desde a famosa “Cerimônia do Jaleco”, em que efetivasse a importância em colocar um objeto que supostamente te denomina como um pesquisador e profissional mais capacitado até a massiva presença de disciplinas que só fazem reforçar o estereótipo de que humano é igual cérebro. Não, não é. Nossa atividade humana não pode continuar sendo resumida a isso, principalmente por parte daqueles que deveriam ser os guardiões do saber psicológico humano: psicólogos.

1.3. A Literatura e sua Relação com o Processo Psicológico

A literatura contribui para a compreensão, objetivação e aprimoramento das percepções, emoções e sentimentos do sujeito em relação à realidade. Para uma análise mais aprofundada dessa manifestação artística em sua relação com a Psicologia, é necessário examinar como a arte pode influenciar o processo psicológico do indivíduo, tanto em sua subjetividade quanto em sua formação psíquica. Barros e Ferreira (2016, p. 1) afirmam que “a arte se torna, assim, uma estratégia terapêutica com benefícios para o tratamento de diversas patologias psíquicas.”

A relação entre literatura e processo terapêutico pode desencadear impactos positivos na vivência e subjetividade do sujeito diante da sociedade. Isso ocorre porque o contexto artístico contribui, de forma autônoma, para o desenvolvimento do conhecimento e da sensibilidade humana.

A captação de informações exige atenção, algo evidente. É por meio da concentração que o receptor decodifica e compreende a mensagem transmitida pelo emissor. No processo de leitura de um livro, por exemplo, se a atenção for excessivamente flutuante, a apreensão e compreensão do conteúdo se tornarão difíceis, prejudicando o aprendizado. Além disso, a fruição e avaliação de uma obra, seja técnica ou artística, requerem introspecção e um certo grau de lentidão (Santos, 2021).

Segundo Souza (2023), o contexto literário tem o “poder” de impactar o indivíduo de maneira inquietante. Esse processo inicia-se com a motivação do autor ao criar sua obra e se estende até o momento em que o leitor compreende a mensagem pretendida pelo escritor. Dessa forma, a literatura pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de competências essenciais à existência humana, como empatia, criatividade e compreensão das individualidades. Vilela (2015, p. 30) destaca: “Toda leitura é marcada pelo encontro entre dois mundos: o leitor e o livro.” Ainda que sejam contextos distintos e independentes, há entre eles um diálogo e uma capacidade de acolhimento mútuo.

O uso da literatura na promoção da saúde mental e do bem-estar psicológico está diretamente relacionado à forma como o sujeito constrói sua subjetividade em meio ao contexto social. Barros e Ferreira (2016, p. 1) refletem sobre essa questão:

A criatividade e a saúde compreendem instâncias que se relacionam à existência humana, e os processos de criação artística, por sua qualidade inovadora e transformadora, apresentam um importante potencial terapêutico e curativo. (Barros e Ferreira, 2016, p. 1).

A criatividade está intrinsecamente ligada à produção artística, oferecendo ao sujeito novas perspectivas sobre sua vivência em comunidade. Esse envolvimento pode contribuir para o processo cultural da sociedade e potencializar a recuperação psíquica do indivíduo. Vilela (2015, p.126) discute a importância da literatura para a atuação do psicólogo,



ressaltando sua influência na escuta mais sensível e humanizada das demandas subjetivas do paciente:

A experiência literária esclarece o contexto clínico na medida em que amplia os horizontes de compreensão a respeito da vida humana. Assim, sua contribuição não consiste no desenvolvimento de uma nova técnica psicoterapêutica, mas no amadurecimento de um modo de presença diante da complexidade do humano (Vilela, 2015, p. 126).

Santos (2021) acentua que a arte literária nos apresenta conteúdos de extrema relevância, promovendo uma imersão nas vivências subjetivas dos indivíduos na sociedade. Tanto os escritores quanto os leitores são impactados por essas experiências, que funcionam como mecanismos inspiradores no desenvolvimento da percepção humana.

1.4. A Literatura na Formação do Psicólogo

A literatura representa um verdadeiro “mergulho” na complexidade do indivíduo em sociedade. As obras literárias expõem dilemas emocionais e sociais, estimulando a exploração da subjetividade própria e da subjetividade do outro. Para o profissional da Psicologia, essa prática literária permite uma compreensão mais profunda das questões emocionais e sociais do sujeito. Além disso, por meio da escuta ativa e da interpretação das narrativas, o psicólogo pode oferecer um acolhimento sensível, criando um espaço em que o paciente se sinta à vontade para expressar as nuances mais complexas de seu inconsciente.

Vilela (2015, p. 125) enfatiza que a formação do psicólogo deve ir além da simples aquisição de conhecimento técnico. Trata-se de um processo de sensibilização para o humano:

É preciso que sua formação seja mais que uma aquisição de conhecimentos, mas um processo de sensibilização para o propriamente humano. Acreditamos que o contato com a literatura possui grande importância para que a prática do psicólogo não seja guiada pela pobreza de um olhar sobre o homem, nem por uma presença impessoal orientada pelos manuais de psicopatologia (Vilela, 2015, p. 125).

O psicólogo em formação pode se beneficiar da fundamentação teórica e prática proporcionada pelo contexto literário, pois a literatura se apresenta como um recurso

significativo na construção do profissional que lida com aspectos essenciais do desenvolvimento humano.

Sob uma perspectiva psicanalítica, Freud, considerado o “pai da Psicanálise”, estabeleceu um diálogo essencial com a literatura. Seu objetivo era provocar reflexões sobre o “incerto” e o “desconforto”, utilizando a arte literária como um mecanismo de benefício psicológico e social para os sujeitos. Costa (2023) afirma que a criação da psicanálise está completamente entrelaçada com a formação cultural e literária do Freud, fator evidente que é refletido na própria maneira do Freud de verter temas literários em conceitos psicanalíticos.

Se o próprio pai da psicanálise entendia a importância da literatura na formação humana, é patente que levemos em consideração os entrelaçamentos entre a literatura clássica e a formação dos profissionais da área *psi*. Calvino (1993) afirma que há alguns pontos que devemos nos atentar a respeito de tal importância literária em nossas formações, enumeraremos alguns argumentos que encontramos no livro *Porque ler os clássicos*, do autor supracitado:

1- Clássico é uma obra que nunca se encerra em compreensão, interpretação e entendimento. Os clássicos nunca terminam de dizer o que têm a dizer. Eles podem ser relidos inúmeras vezes e ainda assim, a cada releitura, sempre nos despertar novos sentimentos, entendimentos, esclarecimentos e conhecimentos. Quando temos clássicos em nossas mãos, é certeza que aprenderemos sempre coisas novas a cada releitura.

2- Clássicos moldam nossa maneira de enxergar o mundo, a cultura e os seres humanos. Calvino (1993) afirma que os clássicos influenciam profundamente nossa maneira de pensar e interpretar a realidade, até mesmo de forma inconsciente.

3- Clássicos são tão imponentes e poderosos que influenciam até aqueles que nunca os leram na vida. Muitas obras literárias clássicas moldam o imaginário popular, fazendo com que até mesmo aqueles que nunca leram Shakespeare, saibam que Romeu e Julieta se trata da história de um amor proibido entre um casal apaixonado.

4- Ler um clássico é uma experiência intransferível. Ainda que eles possam penetrar o imaginário popular, os clássicos são tão poderosos que cada leitor terá uma experiência única com o clássico. O impacto que um clássico pode provocar depende do momento em que estamos e das nossas experiências individuais. A união desses fatores é que transformarão por completo a experiência.



5- Os clássicos, mesmo que sejam escritos há muitos e muitos anos atrás, nos ajudam a compreender o presente e, porventura, o futuro. Eles dialogam com questões universais e atemporais, é por isso que ler um clássico não é apagar o presente, mas sim enriquecê-lo.

Por fim, Vilela (2015) ressalta que a literatura possui o “poder” de promover vivências que ampliam as percepções sociais e pessoais do ser humano. Além disso, proporciona momentos de introspecção e reflexão, permitindo que o indivíduo reconheça e ressignifique suas próprias competências e experiências. Dessa forma, a literatura não apenas enriquece a formação do psicólogo, mas também favorece uma compreensão mais aprofundada da vida real e de suas complexidades, interligando-se aos relatos da natureza poética e humana.

Conclusões

No texto “Gradiva, uma fantasia pompeiana”, publicado no ano de 1903, de Freud, temos a seguinte discussão que é, segundo Roudinesco e Plon (1998) traduzida assim: Freud realizou a leitura psicanalítica do romance para agradar seu então pupilo Carl Jung, já que fora Jung quem sugeriu a leitura do romance a Freud. O texto freudiano é extremamente rico, sobretudo por se tratar daquilo que fora denominado de psicanálise da literatura. Mas o que o texto em si tem a nos ensinar diante do que expomos até aqui no artigo?

Freud ([1907]1996) notou que a atividade criativa de um artista advém de processos inconscientes e que justamente por isso são passíveis de interpretação. Entretanto, é de bom tom pontuar que não se trata apenas de realizar uma espécie de *psicanálise aplicada*, algo que era muito popular à época, mas sim realizar aquilo que Roudinesco e Plon (1998, p. 144) afirmaram ser “a tentativa de fazer a psicanálise progredir através do estudo dos processos de criação artística”. Nada mais freudiano que isso: aprender com os maiores conhecedores da *alma* humana – *os poetas*. Nas palavras do próprio autor:

(...) os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (Freud, [1907]1996, p.4)

Apesar de reconhecer que os poetas são sujeitos indubitavelmente elevados quando se trata de abordar a vida humana, Freud ([1930]2015) também tratou de mostrar a eficácia e o valor de sua teoria em detrimento da arte literária. É como se ele deixasse bem claro que a psicanálise e a arte literária sairiam ganhando muito mais se convivessem e trocassem entre si. Então, se acreditamos que uma das vantagens que os homens tanto almejam realizar é a dominação psíquica do material e dos objetos do mundo exterior, a psicanálise deveria ser graciosamente exaltada por isto, já que é ela quem se põe a entender as obras dos ditos *grandes homens*.

É importante ratificar que todas as criações artísticas verdadeiramente autênticas surgem no psiquismo dos artistas devido a alguma tensão ou mola propulsora, e é justamente aí que caberia e permitiria as várias interpretações que as obras fomentam e que a psicanálise tanto se propõe a realizar. Assim, o trabalho de um psicanalista ao deparar-se com um texto literário é o de escutá-lo. Aqui, o psicanalista serve como um tradutor, porque o que está em evidência (mesmo através das palavras escritas) é o inconsciente do artista.

Pois bem, após a presente explanação sobre literatura e psicanálise, é imperioso notar que a temática da literatura precisa ter maior abrangência nos meios acadêmicos de formação de psicólogos e psicanalistas. Além de ter servido como grande parceira da construção da teoria psicanalítica e de tantas outras abordagens psicológicas, a arte literária é fonte inesgotável de saber. Cabendo a nós apenas a expertise de saber como melhor explorá-la.

Com as apresentações teóricas apresentadas, notamos que é inconteste no arcabouço científico que a literatura clássica tem grande relevância na construção de grandes profissionais da área psicológica. Os ganhos dessa parceria são datados de tempos remotos. Grandes homens da história, profundos conhecedores das mazelas humanas, tinham em si o amor e a devoção pela literatura. Em sua vez, a literatura é uma espécie de organizadora da narrativa universal a respeito da atividade pulsional humana. Se existe ou existiu, escrito está, diria o poeta desconhecido.

O objetivo do trabalho, conforme abordado na introdução do presente artigo, era realizar uma incursão bibliográfica a respeito dos ganhos da inserção da literatura clássica na formação do profissional da psicologia. Para isso, queríamos demonstrar como a formação de tal profissional vem sendo massacrada com o apagamento do que realmente forma um bom



profissional de Psicologia, ou seja, um profissional que tem um conhecimento em múltiplas áreas que complementam o saber múltiplo sobre a alma humana.

É nesse sentido que antropologia, filosofia, sociologia, literatura e tantas outras áreas humanas sempre serão mais elevadas e próximas da psicologia do que quaisquer outras. É imperioso que se entenda que o conhecimento a respeito do bicho humano é formado por ciências humanas, indiscutivelmente. Isso não significa que devemos apagar ou afastar os grandes avanços neurocientíficos que são tão importantes para o crescimento da ciência psicológica. A bem da verdade, o que jamais poderíamos fazer é acreditar é que só o que advém do saber neurocientífico é o que deve ser considerado em uma formação profissional de psicólogos. Esse é o maior erro!

Entendendo isso, passamos para o objeto central desta pesquisa. Queríamos, desde o início, demonstrar a importância da literatura clássica na formação do psicólogo, para isso, percorremos um longo percurso em temas periféricos ou não, para demonstrar que todos os apontamentos, sejam eles antigos ou atuais, demonstram que o profissional da psicologia só tem a ganhar angariando para sua formação a presença da literatura clássica como mais um polo fundamental do seu percurso pessoal e profissional.

Diante das discussões apresentadas, torna-se evidente que a literatura clássica desempenha um papel essencial na formação do psicólogo, proporcionando uma compreensão mais ampla da psique humana. Autores como Dostoiévski, Kafka e Shakespeare exploram dilemas existenciais, transtornos psicológicos e conflitos morais que dialogam diretamente com conceitos da Psicologia. Ao longo do artigo, demonstrou-se que a leitura dessas obras e de milhares outras não apenas amplia a percepção sobre a subjetividade humana, mas também fortalece habilidades como sensibilidade, análise crítica e interpretação dos processos psíquicos. Destarte, incentivar a integração da literatura clássica no ensino da Psicologia pode enriquecer a formação dos futuros profissionais, proporcionando um olhar mais sensível e humanizado sobre a existência humana em seu aspecto integral.

Como fizemos questão de apontar, nossa pesquisa é fruto de um trabalho de iniciação científica e este é o primeiro resultado teórico dela. Entendendo que a pesquisa se fragmenta em muitas frentes e momentos, já estamos desenvolvendo e executando outro artigo que abordará uma espécie de continuação prática de tudo o que bibliograficamente expusemos

aqui. Pois o próximo trabalho que almejará ser publicado é parte prática de uma pesquisa de campo que realizamos com mais de 50 alunos de Psicologia no Brasil.

Colhemos respostas e mais repostas a muitas perguntas sobre a presença ou ausência da literatura clássica em suas respectivas formações. Colhemos respostas de alunos de faculdade públicas ou privadas, demonstrando que não se trata de ser um público diferenciado apenas pelas questões socioeconômicas universitárias, mas sim como cada sujeito gere essa realidade em seu próprio e exclusivo percurso acadêmico.

Com isso, já estamos afirmando que esta discussão aqui desenvolvida, tampouco se encerra com essas considerações finais, ela continuará e ecoará por muitos outros artigos, simpósios, congressos e palestras. Como muito bem tem sido desde o momento em que decidimos nos unir e colocar em prática uma pesquisa que iniciou a partir do desejo de leitores voraz que tiveram, em algum momento, o mesmo questionamento: “será que nossa paixão pela leitura, interfere de maneira benéfica na nossa escuta do sofrimento humanos”? Bom, pelo menos este questionamento já fora respondido aqui nessas páginas. Esperamos que muitos outros ainda possam ser respondidos em futuros trabalhos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Faculdade Estácio de Belém, instituição que aprovou e financiou o projeto de PIBIC, cujo título é “A importância da literatura clássica na formação do psicólogo”, permitindo com que pudéssemos produzir este artigo, bem como realizar um projeto de extensão dele proveniente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, M. FERREIRA, L. *A arte como estratégia de intervenção psicoterapêutica*. Psicologia E Saúde Em Debate, 2(Supl. 1), 1 – 4. Acesso em: 12 nov. 2024.

BOARINI, M. L. *A formação do psicólogo*. Psicologia em Estudo, v. 12, n. 2, p. 443–444, ago. 2007. Acesso em 15 set. 2024

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



CFP. *Mês dos 60 anos da Psicologia no Brasil: conheça as ações do CFP para celebrar nossa ciência e profissão* - CFP. [cfp.org.br](https://site.cfp.org.br/mes-dos-60-anos-da-psicologia-no-brasil-conheca-as-acoes-do-cfp-para-celebrar-nossa-ciencia-e-profissao/), 25 ago. 2022. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/mes-dos-60-anos-da-psicologia-no-brasil-conheca-as-acoes-do-cfp-para-celebrar-nossa-ciencia-e-profissao/>

COSTA, J. S. L. *Macabéa, pobre Macabéa: desamparo e feminilidade no romance Clariciano*. Curitiba, PR. APPRIS, 2022.

COSTA, J. S. L.; PINHEIRO, D. VASCONSELOS, A. *Habemus cérebro: a figura do sujeito cerebral nos cursos de Psicologia do Brasil*. *Conjecturas*, v. 21, N. 1, p. 1-11, nov. 2021. Acesso em 15 jan. 2025.

FREUD, S. *Arte, Literatura e os artistas* – Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. (1897). *Trecho do Manuscrito N, Anexo à Carta a Fliess*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. (1908). *O Poeta e o Fantasiar*. Tradução de Ernani Chaves. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XII, [1912]2006.

FREUD, S. (1919). *O Inquietante*. In: FREUD, S. *Obras Completas, Volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”)*, Além do princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1930). *O mal-estar na cultura*. Tradução do alemão de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GIL, A. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MANGO, E. PONTALIS, J-B. *Freud com os escritores*. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2013.

ORTEGA, F. VIDAL, F. *Somos nosso cérebro?* São Paulo, SP. Editora: N-1, 2019.

ROMANNI, B. *A Profundidade da Psicanálise de Freud: Uma Jornada pela Mente Humana*. Disponível em: <<https://www.romanni.com.br/blog/a-jornada-da-psicanalise-de-freud>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SANTOS, D. *Literatura e Psicologia: Uma aproximação entre Viktor Frankel e Shakespeare*. 2023. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SILVA, F. F. DA. *Psicologia no Contexto da Ditadura Civil-militar e Ressonâncias na Contemporaneidade*. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 37, n. spe, p. 82–90, 2017. Acesso em 12 dez. 2024.

SOUZA, S. Literatura e Psicanálise. Formiga - MG. Editora: Unigala. 2023.

TENÓRIO, F. G. A unidade dos contrários: fordismo e pós-fordismo. Revista de Administração Pública, v. 45, n. 4, p. 1141–1172, ago. 20. Acesso em 16 nov. 2024.

VILELA, F. L. *Psicologia e Literatura: a experiência literária na formação do psicólogo*. 150f. Tese (Doutorado – Programa de Pós - Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

